



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 9, v. I | maio.-out. 2018

p. 377-399.

O desejo da metrópole: gênero, sexualidade e mídias digitais em espaços urbanos brasileiros

Lara Facioli¹

Felipe Padilha²

RESUMO: O artigo aborda as relações entre o acesso às mídias digitais em meio às dinâmicas de gênero e sexualidade nas cidades contemporâneas. O material empírico é extraído de duas pesquisas etnográficas que se situam em regiões distintas do país, uma realizada por Padilha (2015) em cidades do interior de São Paulo, com homens que fazem uso de aplicativos para *smartphones*, que oferecem serviços comerciais de busca de parceiros com base em georreferenciamento; a outra, realizada por Facioli (2017), toma os espaços da Baixada Fluminense e da Zona Oeste do Rio de Janeiro, com foco nos usos das mídias digitais por mulheres das classes populares. Nosso argumento considera que a relação entre pessoas e tecnologia molda a forma como o espaço urbano é ocupado, bem como o trânsito dos sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade; Sexualidade; Gênero; Mídias Digitais.

Abstract: The article discusses the relationship between access to digital media and the dynamic of gender and sexuality in contemporary cities. The empirical material is extracted from two ethnographic studies that are located in distinct regions of the country, one made by Padilha (2015) in the countryside of São Paulo, with men using smartphone applications that offer commercial search services of partners based on geo-referencing; the other, by Facioli (2017), takes the spaces of the Baixada Fluminense and the West Zone of Rio de Janeiro, focusing on the use of digital media by women of the popular classes. Our argument considers that the relation between people and technology shapes the way the urban space is occupied, as well as the transit of the subjects.

Keywords: Cities; Sexuality; Gender; Digital Media.

Resumén: El artículo aborda las relaciones entre el acceso a los medios digitales en medio de las dinámicas de género y sexualidad en las ciudades contemporáneas. El material empírico se extrae de dos investigaciones etnográficas que se sitúan en regiones distintas del país, una realizada por Padilha (2015) en ciudades del interior de São Paulo, con hombres que hacen uso de aplicaciones para smartphones, que ofrecen servicios comerciales de búsqueda de socios basados en la georeferencia; la otra, realizada por Facioli (2017) toma los espacios de la Baixada Fluminense y de la Zona Oeste de Río de Janeiro, con foco en los usos de los medios digitales por mujeres de las clases populares. Nuestro argumento considera que la relación entre personas y tecnología moldea la forma en que el espacio urbano está ocupado, así como el tránsito de los sujetos.

Palabras clave: Ciudad; Sexualidad; Género; Medios Digitales.

¹ Pós-doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL), bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); membro do Grupo de Pesquisa Gênero, Direitos Humanos e Políticas Públicas. Contato: larafacioli@yahoo.com.br

² Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGS-UFSCar); bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); pesquisador do NAMCULT - Núcleo de Estudos em Ambiente, Cultura e Tecnologia e membro do Quereres - Núcleo de Pesquisa em Diferenças, Gênero e Sexualidade. Contato: felipepapa@yahoo.com.br

Recebido em 11/09/17

Aceito em 07/12/17

Este artigo deseja refletir sobre a cidade e o trânsito que os sujeitos estabelecem nela a partir dos usos das mídias digitais. Entendemos o espaço urbano como espaço social, na medida em que se trata do posicionamento de relações sociais a partir das quais as diferenças sociais são organizadas. As relações dos sujeitos com a cidade são envolvidas em dinâmicas de classe social, gênero, sexualidade, aspectos geracionais e educacionais, apenas para mencionar marcadores convencionalmente mobilizados para qualificar e posicionar os sujeitos no espaço social e urbano. Nossa argumentação é construída por uma lente de gênero que não considera o gênero e o digital como esferas distintas, mas como domínios mútua e continuamente moldados e remoldados (GREEN; SINGLETON, 2013).

Nossas formulações partem de duas pesquisas etnográficas que se situam em regiões distintas do país: uma feita por Padilha (2015) a partir da cidade de São Carlos, localizada no interior do estado de São Paulo, que analisou as relações entre o segredo e a masculinidade, a partir dos usos de serviços comerciais de busca de parceiros; a outra, feita por Facioli (2017), que toma como foco a Baixada Fluminense e a região pobre da Zona Oeste do Rio de Janeiro, e analisa as relações e os usos das mídias digitais por mulheres das classes populares, cujo resultado apontou, dentre outros fatores, para a expansão de círculos de amizade e de experiências acerca das homossexualidades desses sujeitos.

Na cidade do Rio de Janeiro, uma das localidades tratadas neste texto, as regiões de periferia, como a Favela da Rocinha e o Morro do Vidigal, disputam o território urbano com regiões compostas por uma população formada, quase que em sua integralidade, por sujeitos de classe média-alta, brancos, profissionais liberais - como no caso do bairro do Leblon. Apesar da partilha do espaço urbano, a classe social persiste como um vetor de produção de diferenças e desigualdades entre as pessoas. Persistem as relações de classe social que podem afastar os moradores destes lugares no espaço simbólicos. No caso da Baixada e dos subúrbios da Zona Oeste, o espaço geográfico não é compartilhado com a Zona Sul do Rio. Isto é, existe uma distância que não é meramente geográfica, mas que também diz respeito ao espaço social. No que toca a mobilidade das pessoas, parece-nos interessante considerar os trânsitos e os fluxos que são atravessados pelo consumo das mídias digitais.

Com relação a região de São Carlos, município situado na região Centro-Leste, no interior do estado de São Paulo, a conurbação é moldada por cidades de médio e pequeno porte, que são organizadas em torno dos transportes, das atividades industriais e dos núcleos urbanos. Por assim dizer, esse é o tripé que dá a tônica do desenvolvimento desta região. A pesquisa toma a cidade de São Carlos como base e abarca outras vinte e quatro cidades distribuídas em um raio de



aproximadamente 100 quilômetros de distância³. Entre os interlocutores da pesquisa, homens com idade entre 18 e 60 anos, que faziam uso de serviços comerciais de busca de parceiros, que operam por georreferenciamento. Os dados permitem verificar que os aplicativos intensificaram as redes “invisíveis” de relações. Como consequência, a tecnologia desdobrou o segredo - ou o armário homossexual nos termos de Eve Sedgwick, (2007) - tornando viável o estabelecimento de conexões entre pessoas que possivelmente não se conheceriam no contexto segregacionista do espaço urbano de cidades como São Carlos e Ribeirão Preto.

A noção de espaço social tem origem nos escritos de Pitirim Sorokin (1970, p. 223) e trata-se de algo “completamente diferente de espaço geométrico”. Pessoas próximas umas das outras no espaço geométrico — por exemplo, um senhor e seu escravo — estão muitas vezes grandemente separadas no espaço social”. A formulação de Sorokin capta o modo como as relações de poder se inserem na localidade. Entretanto, reconhecendo a presença intensiva das mídias digitais, esse entendimento pode ser expandido considerando o território citadino, os deslocamentos dos sujeitos e também os usos dos dispositivos digitais, que enredam uma relação sinérgica entre as pessoas, localidades e tecnologias (HARDEY, 2007).

Este artigo tem como intuito apresentar reflexões analíticas sobre as influências do acesso às mídias digitais nas relações estabelecidas com a cidade e no trânsito dos sujeitos. Em termos específicos, nossos dados etnográficos permitem analisar os significados que homens e mulheres associam à conexão. Apesar de uma mistura complexa de significados e práticas sócio-tecnológicas, consideramos que os dados podem nos comunicar sobre as maneiras pelas quais as relações de gênero e sexualidade se intersectam aos usos da tecnologia e dos espaços sociais.

Nesse sentido, consideramos que a sinergia entre pessoas e tecnologias digitais moldam o modo como o espaço é ocupado, como os fluxos são estabelecidos pelos sujeitos e acabam envolvidas nos dilemas do gênero na cidade. Em comum, entre nossos interlocutores e nossas interlocutoras, parece persistente a busca por maneiras socialmente sancionadas de lidar, por um lado, com as pressões coletivas e, por outro, com seus desejos que as contradizem. Essa corda-

³ Entre tais cidades há um intenso deslocamento de pessoas que viajam em função do trabalho, do estudo, em busca de lazer ou por variadas razões como, por exemplo, fazer compras. Em cerca de uma hora ou, em alguns casos, alguns minutos, é possível se deslocar de uma cidade a outra. A densidade populacional variada entre os diferentes municípios - enquanto alguns, como Analândia tem 6 mil habitantes, outros, como Ribeirão Preto tem mais de 600 mil habitantes -, assim como as restrições em torno dos serviços locais e aqueles oferecidos em cidades maiores, são elementos que também atuam como incentivo na mobilidade interurbana e na composição de um circuito de serviços, lazer e trabalho.



bamba que divide a normalização da abjeção permite que eles e elas conciliem, ao invés de romper, as expectativas da vida familiar com as demandas do mundo do trabalho garantindo os privilégios associados à heterossexualidade.

Nesse contexto, as mídias surgem como ferramentas que permitem agenciar regimes de visibilidade, trocas de experiências e contatos que extrapolam o contexto de moradia, expandindo a circulação de repertórios culturais e informações.

Além disso, entre nossos achados de pesquisa, temos em comum o fato de que os dispositivos técnicos mobilizados na busca por contatos - seja para amizade, afeto ou sexo -, tendem a ser usados como tecnologias que facilitam o contato com estranhos(as). Também são serviços frequentemente usados em dispositivos móveis (*tablets e smartphones*) e que operam por georreferenciamento. Nossa sugestão é que a introdução do *smartphone* como principal meio de conexão reconfigura ou desloca o conjunto de características que marcam os usos que as pessoas fazem das tecnologias digitais e nos mostram como essas ferramentas, embora guardem um potencial alcance global, permanecem sendo usadas em práticas locais e situadas.

A dinâmica de complexidade que caracteriza as cidades contemporâneas se reflete no fluxo de pessoas, coisas e informações através de espaços arquitetônicos e geográficos contrastantes (CASTELLS, 2000; SASSEN, 1998; SOJA, 2000). Apesar das diferenças estabelecidas entre as relações apresentadas nas dinâmicas de uma metrópole como o Rio de Janeiro e aquelas de cidades do interior de São Paulo, neste texto optamos por ressaltar os aspectos em comum que atravessam as experiências dos interlocutores e das interlocutoras de nossas pesquisas com as mídias digitais. Nossa ênfase recai sobre a relação entre o digital e a vida urbana e os seus impactos na intimidade.

Também destacamos que, em nossa compreensão, o duo real e virtual não se constitui a partir de categorias opostas e antagônicas, mas são modelados de maneira imbricada. Real e virtual são domínios cada vez mais articulados e que operam em continuidade. Além disso, com base em nossas pesquisas, argumentamos que os contextos analisados permitem verificar que as noções de espacialidade tornaram-se mais ambíguas.

Na década de 1990, o geógrafo Michael Batty afirmou que as cidades estavam se transformando em uma constelação de computadores. Na mesma época, William T. Mitchell (2000) teorizava a respeito da emergente era da informática. Em seu *E-Topia*, Michell reflete sobre os resultados do envolvimento da tecnologia com as configurações espaciais e as formas de vida urbana.



A análise cobre os efeitos da infraestrutura mundial das telecomunicações digitais e, em vez de defender o fim do espaço, nos desafia a elaborar novas formas de produção, de organização dos espaços habitados e sua apropriação para os múltiplos propósitos humanos.

Na segunda década dos anos 2000, o desenvolvimento dos recursos da web - articulando o social e o comercial - permitiu novas maneiras de mapear a cidade. Em sua forma atual, as conexões digitais ligam indivíduos, dados e as localidades que ocupam ou atravessam o espaço em uma relação de sinergia (HARDEY, 2007). Ao falar em sinergia nos referimos a ação associada entre dois ou mais sistemas, cujo resultado é a execução de um movimento ou a realização de uma função orgânica. Nesse caso, trata-se da sinergia que associa pessoas e lugares por meio da tecnologia. Trata-se de uma cartografia que exprime uma "classificação social da cidade" (BURROWS; GANE, 2006).

Os recursos da web não estão isolados no ciberespaço, mas são parte ativa da vida urbana e estão vinculados por um laço de retroalimentação entre pessoas e lugares (HARDEY, 2007). Serviços de redes sociais, blogs e localidades estão profundamente envolvidos, não apenas porque essas plataformas tornam a informação adaptada ao usuário de acordo com sua localidade, mas porque "muitas dessas informações digitais são apresentadas visualmente através de blogs e mashups que representam as interações entre lugares e pessoas que compartilham a cidade como contexto comum para a vida social" (HARDEY, 2007, p. 877).

O que está em jogo quando tratamos das tecnologias digitais e as novas compreensões sobre a vida urbana que elas exigem? Michael Margolis e David Resnick (2000) argumentam que a informação disponível através da Web veio para reaplicar aspectos-chave do "mundo real" em termos de representação de poder e desigualdade, conforme argumentam. Se é assim, como essas alterações incidem sobre as interações, a qualidade dos vínculos sociais, a mobilidade e o escopo da experiência das pessoas com as quais estabelecemos interlocuções em nossas pesquisas etnográficas? As tecnologias digitais podem ser consideradas novas "tecnologias de si"?

1. Cidades digitais: sexualidades, cidades e família

Em diferentes níveis, cada uma das interlocutoras e cada um dos interlocutores com quem estabelecemos contato nas pesquisas expõe suas próprias estratégias para lidar com as normas e ideologias que os cercam. Tratamos sobre relações que são marcadas por expectativas e pressões coletivas e, ao mesmo tempo, por desejos que as contradizem. As expectativas da vida familiar e as demandas do mundo do trabalho, na maioria das vezes, enredam a busca por conciliar, ao invés de



romper completamente os vínculos sociais. O flerte com a normalização e a abjeção torna-se uma via possível para que desfrutem de parte dos privilégios publicamente associados à heterossexualidade.

Em nosso último encontro, Cleber tinha 34 anos e uma aparência bastante jovial. Trata-se de um rapaz com aproximadamente um metro e setenta e cinco de altura, cabelos e olhos escuros, não branco, em vias de concluir a segunda graduação. Cleber nasceu em Araraquara, cidade com cerca de 230 mil habitantes, localizada no interior de São Paulo. Nossa primeira conversa gravada⁴ inicia-se pela reflexão sobre “como se descobriu gay”, ponto que ele considerou relevante para começar a conversa.

Criado próximo de uma família extensa, com muitos tios, tias, primos e primas, Cleber passou boa parte da infância na companhia de familiares, com quem se sentia mais “seguro”. Ele conta que temia as possibilidades de ataques vindos daqueles meninos que tratavam com truculência os garotos que, como ele, eram considerados “efeminados”. Ele se recorda que o seu primeiro envolvimento com outro homem aconteceu aos 16 anos, com uma paquera que aconteceu durante uma tarde de estudos, para uma das provas da escola.

Tempos depois, Cleber descobriu que seu colega, por quem estava apaixonado, mantinha uma relação com outro homem, um pouco mais velho do que eles, com cerca de 30 anos de idade. Ele diz que, devido a seu envolvimento, sua primeira experiência resultou em um imenso sentimento de culpa que o moveu a procurar os conselhos de sua irmã mais velha que, segundo ele, “sacava alguns trejeitos”. Para ele, “quando a gente é criança e é mais *efeminadinho*, algumas pessoas veem isso e já sabem que aquelas pessoas quando crescerem serão gays”.

Ao contar para irmã o que havia se passado com o colega de escola, ele ouviu como resposta que não era gay e que aquilo só havia acontecido por conta de más companhias com quem estava envolvido e que seria melhor para ele que buscasse afastar-se dessas pessoas. Seguindo o conselho da irmã, ainda que apaixonado, Cleber optou por colocar um ponto final na relação com o rapaz. Hoje, refletindo sobre o ocorrido, ele avalia que em 1995 a possibilidade de viver sua (homo)sexualidade era muito mais restrita, quando comparada aos dias atuais: “imagina, hoje está tudo super aberto, a gente pode falar sobre qualquer coisa, ninguém mais tem vergonha de falar sobre sexo, tem um monte de gente assumida, naquela época não era assim”.

⁴ Todas as conversas e entrevistas gravadas foram consentidas e negociadas mediante a exposição dos objetivos e interesses de cada uma das pesquisas. Os nomes também foram trocados com a intenção de preservar as identidades dos interlocutores e interlocutoras que colaboraram com as pesquisas.



Cleber se recorda que, mesmo estando “tremendamente apaixonado” pelo amigo de quem havia se afastado, ainda permanecia a sensação de que havia algo “diferente”. Diz ele, “eu comecei a sacar que não tinha jeito, que eu era gay mesmo e ponto”. Nesse período, já no final da adolescência, depois de um longo período de reflexão, chegou à conclusão de que “precisava sair de Araraquara de qualquer jeito” e se afastar da família caso quisesse, de fato, vivenciar sua sexualidade.

Assim, aos 18 anos, após ter concluído o terceiro ano do ensino médio, dedicou-se a traçar uma estratégia que lhe permitisse conciliar o interesse em cursar uma graduação e o desejo de sair de casa. Foi assim que, após o ingresso no vestibular, ele se mudou para Jaú, município também localizado no interior de São Paulo, há uma distância de 76 Km de Araraquara. Vivendo em outra cidade, ele considera que pôde viver experiências que não seriam possíveis morando na mesma cidade que a sua família.

Ao concluir o curso de graduação, para ele, já não fazia mais sentido continuar vivendo em Jaú. Depois de alguns anos, a cidade já não lhe parecia tão estranha, o que acabou por torná-la também familiar. Com um grande número de relações estabelecidas, Cleber começou a se deparar com entraves semelhantes aos que viveu em sua cidade natal. O “preconceito das pessoas” e o “falatório” voltaram a operar como justificativas para a decisão de mudar da cidade. Movido por um conjunto de preocupações, Cleber estrategicamente planejou sua mudança: “eu comecei novamente a pensar que eu tinha que mudar para uma cidade maior e que teria que ser São Paulo ou Rio de Janeiro”.

Após tomar conhecimento de uma oportunidade de trabalho na Marinha, decidiu prestar o concurso para a vaga e foi aprovado. Lembrando de sua empolgação com a nova oportunidade que se apresentava, ele comenta que “todo mundo queria ir pra Marinha porque lá tem muito homem bonito. Imagine, eu prestei o concurso e passei em segundo lugar. Fiquei seis meses lá. Eu tinha 21 anos, bonitinho, magrinho, tudo durinho, então imagina...”. Além disso, o Rio de Janeiro brilhava aos seus olhos como “o berço dos gays”.

Vivendo no Rio, Cleber conheceu Jonas, com quem namorou por aproximadamente cinco anos. Em 2008, após o término da relação e com menos dinheiro disponível, Cleber deixou a capital e voltou a morar em Araraquara, mais próximo da família. Em 2011, ingressou na Universidade. Quando concedeu a entrevista, estava em vias de concluir a graduação. Atualmente, vive em uma cidade do interior de São Paulo, onde trabalha e dá sequência aos estudos.



Foi quando voltou a viver no interior de São Paulo que Cleber passou a usar com mais intensidade serviços comerciais de busca de parceiros. Navegando entre sites, salas de bate-papo, aplicativos para *smartphones* e plataformas de relacionamento, Cleber conseguia driblar a escassez de parceiros do interior paulista. Isso lhe permitiu intensificar as relações, criando uma ampla rede de contatos com outros rapazes que, como ele, também buscavam contatos para sexo e/ou amizade.

Diferente do que se passa nas capitais e em cidades maiores, no interior, a oferta de parceiros é proporcionalmente menor. Trata-se de um mercado amoroso muito mais marcado por uma economia de escassez, do que de abundância, como foi observado por Eva Illouz (1987). Nos termos colocados por Keith Diego Kurashige (p.78, 2014):

No contexto sancarlense, se existe um mercado, não se parece com o mercado pensado pel@s sociólog@s em seus contextos de estudos. Como vimos de modo preliminar, as interações criadas pelos bate-papos sancarlenses seguem a lógica escassez. Constatei em meu campo que, tanto no contexto online quanto off-line, encontramos, segundo a percepção dos meus colaboradores de pesquisa, “amigas”, ou seja, há a sensação de que todo mundo conhece todo mundo, e que essas “amigas” são muitas vezes pessoas indesejáveis por serem além da noção puramente estética – “feias” socialmente, por conta das desigualdades sociais como a escolaridade, renda, racialidade e etc. É impreciso, portanto, afirmar que em São Carlos exista um mercado amoroso/sexual, onde a busca se dá sob uma aparente competição de muitas pessoas conhecidas pelas poucas pessoas que são desconhecidas, ou seja, não podemos generalizar essas relações afirmando que as buscas nesse contexto se dão em uma lógica de mercado.

Rogério tem 24 anos de idade, é natural de Ariquemis, no Estado de Rondônia, onde viveu até os nove anos de idade. Filho de pai fazendeiro e mãe professora, em 1998, ainda criança, veio morar na cidade de São Carlos, para concluir seus estudos, ficando sob os cuidados das três tias maternas e da avó. Assim como Cleber, Rogério também cursa a segunda graduação. Quando nos conhecemos, ele tinha acabado de mudar-se para São Paulo, no entanto, com certa frequência, volta à cidade onde cresceu para visitar a família.

Rogério também começa a conversa contando sobre as descobertas a respeito de sua sexualidade. “Eu sabia que eu era gay desde os seis anos de idade, mas me assumi com quatorze quando escrevi uma carta para um amigo virtual e minhas tias pegaram”, diz ele. Após o ocorrido, ele tomou a decisão de “assumir-se” gay para seus colegas estudantes, vizinhos, colegas da rua e para outros amigos virtuais. Diferente de Cleber, Rogério, uma década mais jovem, desde sempre fez uso das tecnologias digitais. A condição econômica mais abastada desde muito cedo permitiu



que ele tivesse contato com computadores e a Internet, inclusive porque facilitava seu contato com a mãe, de quem vivia distante.

Mas, para o pai, que vivia com a mãe em Rondônia, esse ainda era um segredo cuja possibilidade de revelação causava grande ansiedade em Rogério, em sua mãe e em suas tias. A sensação não era solitária, era partilhada com as mulheres de sua família, desde quando souberam. A ideia de manter o segredo diante do pai veio por parte da mãe e das tias, que acharam que seria melhor evitar conflitos familiares de maiores proporções. Na visão delas, a distância geográfica seria um fator que ajudaria a manter tudo a salvo dos olhos do pai.

Religiosas, de formação católica e bastante atuantes na comunidade, as tias de Rogério ainda insistiram para que voltasse a frequentar a igreja, mas sem sucesso. As tensões que se desdobraram a partir daí passaram a alimentar ainda mais o desejo dele de mudar de cidade. Assim, aos dezoito anos de idade, movido pelo desejo de viver na capital e por liberdade, Rogério resolveu prestar o vestibular em uma universidade paulista e optou pela graduação em Letras. Pouco tempo depois do ingresso, a insatisfação com o curso o levou a abandonar a área e, dessa vez, escolheu cursar moda. Em vias de terminar a graduação, Rogério cogitava a hipótese de voltar a morar no interior de São Paulo, tampouco em sua cidade natal. Seu desejo era se estabelecer e viver permanentemente na capital.

Vivendo em São Paulo, para ele, a relação com as tias e com a mãe tendiam a se estabilizar, diferente do que se passou com o pai, de quem pouco a pouco foi se distanciando. A distância entre os dois só aumentou, sobretudo, após o divórcio. A relação com a mãe e as tias sintetizam a percepção que tem sobre o que efetivamente é uma família. “Meu pai tem mais dois filhos, isso que a gente sabe, são mais velhos e não são pessoas com quem convivi, ele foi descobrindo depois”.

Embora tenha vivido até os dez anos de idade com os pais na cidade natal, desde muito cedo Rogério foi acostumado com a ausência do pai, que via apenas aos finais de semana, quando ia para a fazenda ou quando voltada da fazenda onde residia para a cidade: “Meu pai trabalhava na colheita de cacau. Ele ficava muito tempo fora e voltava de épocas. Nessas ocasiões foi fazendo filhos”, diz ele. Atualmente, o pai casou-se novamente com outra mulher na cidade onde nasceu e os dois mantêm pouquíssimo contato ou quase nenhum.

Durante o período da pesquisa, Rogério disse nunca mais ter encontrado ou conversado com seu pai. Não o procurou mais e nem voltou a visitar a cidade natal. Disse apenas que ficou sabendo de notícias esporádicas por amigos e amigas da família e outras pessoas conhecidas, mas preferiu não



entrar em detalhes. Ele conta que, embora às vezes sinta falta da família por perto, é melhor viver afastado porque assim tem a possibilidade de “viver”.

Joyce é a mais nova das interlocutoras da pesquisa acerca dos usos das mídias digitais por mulheres das classes populares brasileiras na cidade do Rio de Janeiro. Ela tinha, no momento de finalização do trabalho, 19 anos e vinha de uma família com um histórico de escassos recursos financeiros. A mãe concluiu o curso superior em administração de empresas e o pai trabalha como chefe de segurança em uma empresa da região.

Segundo ela, o desejo do pai de cursar uma graduação em História em uma Universidade fez com que ele a apoiasse bastante em suas escolhas. Joyce, atualmente, cursa pedagogia em uma faculdade particular, que é paga pela família. Ela também dá aulas de português para conseguir algum dinheiro a mais, o que também a ajuda a conseguir bancar algumas saídas à noite, garantindo momentos de lazer e descontração com os amigos e as amigas.

O apoio que Joyce recebe por parte da família para concluir os estudos e para o trabalho não se estende para outras esferas, como a afetiva e dos relacionamentos. Joyce contou que preferiu não expor nada sobre sua sexualidade à família, pois sabe que os pais esperam dela uma vida cujo enredo culmine em um casamento heterossexual. Diz ela: “para os meus pais eu devo ser hétero, crentona, ter filhos e viver pro meu marido... (risos)”. Criada em uma família evangélica, Joyce acabou deixando a Igreja também por se relacionar com mulheres e por sentir o preconceito. Ainda assim, de vez em quando, ela frequenta a igreja, principalmente, por conta das pressões por parte da mãe

Quando comecei a andar sem minha mãe, minhas visões de mundo mudaram bastante, aí eu fiz coisas que na Igreja é proibido, é pecado [...] Sempre tive curiosidade sobre ficar com mulheres. Isso era em 2011. Conheci uma menina por quem tive uma paixão platônica por conta de uma foto no *Facebook*. Acabei a adicionando e viramos amigas. Nunca ficamos, pois ela já tinha namorada, mas ela me levou pra uma social num dia e eu acabei ficando com uma menina. Achei aquilo tão normal... Não sei, foi só fechar os olhos e nada mais era diferente. Daí, fui me descobrindo. E me apaixonei por uma menina depois de um tempo. Então percebi que realmente gostava dos dois gêneros. Hoje é o motivo pra eu não voltar pra Igreja. (Conversa com Joyce via *Facebook*).⁵

⁵ É importante ressaltar que as falas colhidas na pesquisa realizada por Facioli aparecem mencionadas neste texto de maneira direta, em consonância exata com a forma como foram colhidas em campo, ao contrário daquelas da pesquisa de Padilha, apresentadas indiretamente. Isso acontece porque os relatos colhidos nos espaços das cidades do interior de São Paulo abordam, diretamente, a questão do segredo acerca da (homo)sexualidade entre os sujeitos homens, dessa forma, trata-se de uma questão ética não apresentar seus relatos na íntegra.



Diferente de Cleber e Rogério, para Joyce, o relacionamento amoroso com outras mulheres aparece como sinônimo de possibilidades e não de impedimentos. A relação amorosa heterossexual, principalmente, a que culmina no casamento, surge nas falas que envolvem suas sensações e anseios, como aprisionamento. Uma das razões disso talvez seja porque Joyce pressupõe que um possível marido terá atitudes guiadas por relações assimétricas, o que resultaria em um conjunto de desigualdades. Conhecendo o enredo vivido pelas mulheres da família, Joyce atribui esses problemas - os quais quer evitar - à dinâmica social.

Questionada sobre suas afinidades com o feminismo, evidenciadas ao longo da conversa, ela responde que:

A sociedade impõe muita coisa desnecessária pra mulher! Não tem nada a ver com a minha opção sexual. Sei separar bem as coisas. Mas sofro com mulheres também que não gostam da posição feminista. O problema não é o sexo da pessoa. É a mentalidade mesmo. Isso me incomoda. (Conversa com Joyce via *Facebook*).

Para Joyce, o casamento não é, por excelência, a esfera de companheirismo. A forma como vê a relação amorosa dos pais não a convence de que casar é uma decisão que deva ser tomada para que possa se sentir plenamente realizada. Joyce sempre pareceu muito focada em seus estudos, na possibilidade de fazer graduação em uma Universidade pública, na atividade docente que pode exercer e muito menos na possibilidade de ter um casamento heterossexual. Assim, seu cotidiano se concentra em ir para a faculdade, ministrar aulas particulares e sair com um grupo de amigos que são, em sua maioria, gays e lésbicas.

Joyce não gosta de circular somente por Mesquita, local onde reside, na Baixada Fluminense. Flanar por outras localidades permite afastar-se da região geográfica onde se concentra tanto sua família, quanto o antigo círculo de pessoas conhecidas da igreja que frequentava. “Sair é uma necessidade”, tendo em vista a possibilidade de experienciar sua sexualidade ampliando os encontros, as redes de pessoas conhecidas e, conseqüentemente, os círculos de amizades e lazer.

Para Joyce, o uso das tecnologias é fundamental, pois é por meio delas que a jovem mantém contato diário e intenso com seu círculo de amigas e amigos lésbicas e gays, tanto aqueles próximos de seu local de moradia, quanto os que se distribuem pelas demais regiões da cidade. Segundo ela, o grupo que mantém no WhatsApp “funciona o dia todo” e é ali que são trocadas mensagens sobre o cotidiano, sobre questões afetivas, memes, piadas, gif’s, e, principalmente, discussões “sobre os lugares onde a gente pode se encontrar no final de semana, pra tomar uma, conversar, ouvir música,



encontrar gente”. O grupo de amigos que Joyce mantém via mídias digitais também é formado por pessoas que desejam circular pela cidade de forma a vivenciarem sua sexualidade sem as regras de discricção e segredo estipuladas pelos locais de moradia. A mídia permite agilidade nas decisões e acesso ao que está acontecendo em outras regiões do Rio, nos termos de Joyce é no WhatsApp que “as coisas começam a acontecer...risos”.

Luana tem 23 anos e nosso contato por meio da pesquisa acontece desde que ela tinha 19. No momento de conclusão do trabalho, Luana, oficialmente, morava com o avô, mas passava parte considerável do tempo na casa da namorada, que vivia no morro do Vidigal, Zona Sul do Rio. Anteriormente, ela já havia passado uma temporada morando com a mãe e o irmão, em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Enfrentava dificuldades financeiras para se manter sozinha pagando as contas de uma quitinete que alugou no centro e as mensalidades da faculdade de Psicologia.

Com frequência, ela fala sobre a possibilidade de sair de casa, assim que novamente for possível manter-se sem auxílio financeiro da família. Entretanto, essa ainda parece ser uma aspiração distante de ser alcançada tendo em vista que o salário que recebe em seu atual trabalho não permite cobrir todas as despesas regulares.

Luana mantém vínculos afetivos com diversas regiões da cidade, tanto com seu espaço de origem, na Baixada, quanto com a Zona Sul e o Centro. Em certa ocasião, durante o casamento de outra interlocutora de pesquisa⁶, ela falou um pouco mais sobre suas saídas e encontros. No mesmo sábado em que acontecia o casamento, Luana encontraria uma garota que estava conhecendo, em um dos shoppings da Barra da Tijuca e tinha planos de, no domingo à noite, ir a uma balada gay na Lapa.

Desde quando começou a se relacionar com mulheres, Luana convive com a resistência de sua mãe a respeito de sua (homo)sexualidade. Segundo ela, a mãe odiava a então atual namorada, por acreditar que seria culpa dela o fato de Luana ser lésbica. A explicação para o desejo é bem diferente da apontada pela própria Luana ao dizer que sente atração por mulheres desde muito cedo. Ela lembra que, quando criança, em meio às brincadeiras infantis e adolescentes, já preferia beijar suas amigas e não seus amigos.

⁶ O casamento de Paula foi realizado no ano de 2014 e recebi o convite para estar presente, junto às demais mulheres da pesquisa que integravam um dos sites pesquisados por mim, no caso, o Bolsa de Mulher. Nesta ocasião, passei 15 dias na cidade do Rio de Janeiro, hospedada na casa de Meire, uma interlocutora que mora em Paciência, região de subúrbio da Zona Oeste.



Além da resistência da mãe, Luana encontrou barreiras na relação com o irmão que desconfiava de sua orientação sexual. Embora não tenha assumido a homossexualidade para família, o irmão contou pra mãe sobre as relações que Luana mantinha com outras mulheres. Ela diz: “Na verdade ele percebeu. Eu nunca contei... Ele descobriu e contou pra minha mãe. Nem era que eu não fosse contar, mas não estava pronta naquele momento. Foi bem complicado.”

Para o irmão evangélico, a homossexualidade é vista como doença, passível de ser curada por meio da devoção à Deus e da dedicação à igreja. Dessa forma, para evitar os conflitos, que poderiam piorar a saúde da mãe, Luana prefere não tocar no assunto no espaço de convivência da casa. Também por essa razão, a atual namorada não se relaciona com nenhuma das pessoas de sua família.

Para se divertir, Luana, quase todos os fins de semana, sai da Baixada Fluminense. A casa da namorada, no morro do Vidigal, é um ponto estratégico que garante a mobilidade, tanto pela Zona Sul do Rio de Janeiro, quanto pelo Centro e pela Lapa. Nessas regiões ocorrem as festas LGBT da cidade e os luaus na praia, espaços que ela gosta de frequentar e onde se sente mais à vontade.

Os luaus, segundo ela, acontecem nas praias da Zona Sul. Ao contrário das outras mulheres da pesquisa, Luana frequenta assiduamente a praia naquela região também com intuito de ir aos eventos acompanhada pela atual namorada. As duas se conheceram no carnaval de rua que acontece na Rua Farne de Amoedo, em Ipanema. A rua fica na altura do Posto Nove, localizado na praia de Ipanema, um espaço gay bastante conhecido pela Zona Sul, que acabou atraindo turistas e um público LGBT de diferentes regiões da cidade.

Quando questionada sobre a recepção da Zona Sul aos gays da cidade, Luana afirmou:

A relação das gays com a Zona Sul é de amor e ódio, Lara, pois tem muita coisa para o público gay, mas tem também muitos moradores conservadores que acham um absurdo estar ao lado de dois homens se beijando na praia, na rua, etc [...] antes tinha bastante balada gay em Copacabana, mas os moradores reclamaram, agora tudo se concentra em Ipanema. (Em conversa com Luana via *Facebook*)

Acompanhando a formulação de Luana, ainda que o preconceito se faça presente, os moradores e as moradoras da Zona Sul representam uma menor ameaça a quem vem das periferias do Rio. Isso porque, para ela,

Ser gay no lugar de moradia é complicado, eu fui à Parada LGBT de lá de Nova Iguaçu uma vez e mesmo assim eu namorava um carinha, na época. Não me sinto à vontade. Os olhares de fofoca me



incomodam um pouco, mas só nesses lugares. É difícil mesmo, é dar a cara à tapa todos os dias. (Em conversa com Luana via *Facebook*).

Tanto em cidades pequenas do interior de São Paulo, quanto em regiões como a Baixada Fluminense e os subúrbios da Zona Oeste do Rio, a dinâmica das relações sociais se dá em um contexto em que muitos se conhecem, de forma que a “vida alheia” não passa despercebida. É possível, então, traçar um paralelo com estudos realizados pela antropóloga Claudia Fonseca (2000). A autora nos oferece uma interpretação sobre o poder e sua íntima ligação com a fofoca, a violência, o humor e a honra. Esses elementos deslocam um conjunto de códigos, formas e simbolismos de gênero e classe social, operando como um mecanismo de controle social, especialmente, quando circunscrito a acusações morais acerca das sexualidades. Em outros termos, a fofoca não consiste somente em formas de controle, mas em uma forma de manter garantida a heterossexualidade e apontar como problema as relações homossexuais. Para Luana, a possibilidade de fuga de situações direta de enfrentamento, controle e fofocas é circular pela cidade e se afastar da Baixada.

Os excertos etnográficos apresentados até aqui mostram como, apesar de viverem em espaços urbanos diferentes, alguns elementos convergem e permanecem dependentes das diferenças de gênero e sexualidades. Mais do que isso, são problemáticas que persistem tanto na pacata paisagem interiorana quanto no movimentado ambiente carioca. A descoberta da possibilidade de vivenciar uma relação homossexual surge acompanhada de um enfrentamento fundamental, aquele que remete às relações familiares e do local de moradia pelos quais as pessoas passaram parte da infância e adolescência.

2. Mídias digitais, fluxos urbanos e sobre como dar conta de si mesmo

Ao refletir sobre como dar conta de si mesmo, Judith Butler (2009) nos instiga a pensar sobre o modo como nenhuma vida pode produzir um relato convincente do seu desenvolvimento sem levar em consideração as condições sob as quais se deu sua chegada ao mundo, sobre como vivenciou marcos fundamentais de existência, de relações afetivas, para mencionar alguns exemplos que marcam as trajetórias subjetivas. Em diálogo com Judith Butler (2009), entendemos que essas reflexões não são desvinculadas do contexto político, social e moral no qual são forjadas, pois elas expressam justamente o caráter relacional de cada vida. No limite, elas podem ser compreendidas como tentativas do que a própria autora chamou de “dar conta de si mesmo”.

Para Butler (2009, p. 24), “dar conta de si mesmo” não é o mesmo que contar uma história de si:



O dar conta adquire forma narrativa, a qual não só depende da possibilidade de transmitir um conjunto de acontecimentos sequenciais com transações plausíveis, mas também apela à voz e à autoridade narrativas, dirigidas a uma audiência com propósitos de persuasão. O relato deve estabelecer, então, se o eu foi ou não a causa do sofrimento e proporcionar um meio persuasivo em virtude do qual possa ser entendida a agência causal do eu.

Mais adiante, Butler explica que a própria narrativa seria completamente inviabilizada se não fossem levadas em consideração as normas sociais sob as quais o mundo se apresenta como habitável. A reflexão nos desafia a considerar também os limites implicados na constituição do sujeito, assim como o peso da interferência do Outro e do mundo social que se impõem na constituição de cada vida.

Ao mostrar a síntese das narrativas dos sujeitos das pesquisas, buscamos não localizar o ponto de partida do desejo, nem mesmo explicitar uma verdade sobre os sujeitos e suas sexualidades, como se fossem fixas, inertes e unidirecionais, mas as observamos como relatos espontâneos que assumem uma reflexão sobre o mecanismo social que regula o desejo, o erotismo e os limites da sua aceitação social. Vistas a contrapelo, são narrativas que ponderam sobre os efeitos da política do gênero e sobre como os sujeitos se engajam em produzir estratégias em busca de vidas mais habitáveis, possível de serem vividas.

Ao apresentar as estratégias tentaremos mostrar que existe um entrelaçamento de fatores que molda as relações sociais que buscam, de certa forma, criar uma camada protetora, um espaço de sobrevivência frente a compreensão da homossexualidade como vergonha e abjeção. Para essas pessoas, as negociações sobre os limites e possibilidades de vivência da sexualidade guardam profundas ligações com as mídias digitais como ferramentas de socialidade que impulsionam os sujeitos para fora dos círculos mais restritos de amizade e convívio. Além disso, o digital oferece um tipo projeção para os sujeitos que os faz traçar, pela espacialidade urbana, trajetórias, fluxos, relações sociais. A cidade, vista sob essa perspectiva, também pode ser entendida como um espaço de possibilidades de “dar conta de si”, nos termos de Butler, já mencionados acima.

Tanto para os jovens homens, quanto para as mulheres de ambas as pesquisas, figura a necessidade de administrar e negociar o segredo sobre suas relações sexuais e afetivas em um contexto que não oferece condições culturais e políticas de reconhecimento recíproco para as pessoas que se afirmam publicamente como “homossexuais”. Mais do que isso, o que está colocado é o conflito na esfera familiar que, ao contrário do que se espera, não se consolida enquanto espaço de acolhimento.



Ao usarmos o termo “negociação” não nos referimos, especificamente, à troca monetária, mas a um tipo de negociação entre termos simbólicos, algo como uma “gramática relacional” que rege as relações homoeróticas (MISKOLCI, 2012). Esse processo envolve o desejo, assim como as fantasias, aceitação, rejeição, ofertas, forclusões e demandas que entram em jogo.

Uma das interlocutoras da pesquisa feita na Baixada Fluminense, quando questionada sobre sua relação com o local de moradia e familiar, declarou que dá “a cara a tapa todos os dias”. A expressão por ela empregada nos comunica tanto sobre suas relações com esses espaços em que convive e habita, quanto com os demais ambientes da cidade. A segregação espacial e os trânsitos dos sujeitos no espaço urbano carioca compõe um tema de pesquisa característico no debate sobre a divisão do espaço nessa cidade.

A pesquisa de Ribeiro (2008, p.13) aborda a divisão do espaço social da Zona Sul carioca, região de alta renda da cidade. O foco da pesquisa são as relações entre Leblon e a Cruzada São Sebastião, espaço residencial das camadas populares, localizada ao lado do Leblon. Nesse caso, o indicador de isolamento dos sujeitos diz respeito ao fato de que quase 80% dos moradores entrevistados declararam nunca ou raramente frequentar cinemas, apesar do bairro do Leblon ter grande quantidade de salas, situadas a um raio de trezentos e cinquenta metros. Mais surpreendente é que 40% declararam não frequentar a praia ou frequentar raramente, fato que retira desse espaço público seu potencial papel de território da interação social. São dados que permitem reflexões mais amplas sobre a ocupação do espaço público brasileiro. Em função do pouco contato, os entrevistados, de uma forma geral, não percebem dificuldade alguma em estabelecer relações com os moradores do Leblon, simplesmente porque tal relação é praticamente inexistente.

O mesmo se passa com as populações da região de baixa renda da Zona Oeste e da Baixada Fluminense. Em geral, a dinâmica de mobilidade das pessoas tende a fazer com que elas permaneçam no bairro para vivenciar espaços de socialidade e lazer na região ou em seu entorno. Isso também ocorre porque as pessoas tendem a considerar a cidade como um espaço excludente. Outra interlocutora de pesquisa, que pouco circula pelo Rio de Janeiro, relatou: “Sempre vou à praia do Recreio e no máximo no começo aqui da Barra. Este lugar onde estamos é praia de pobre, porque é perto do terminal de ônibus que vêm dos bairros... ir mais pra lá fica longe, mas aqui a gente não vê os artistas... (risos)”.

Apesar da pressão das relações sociais na cidade, as condições infra estruturais são elementos que restringem a mobilidade dos sujeitos, mantendo-os circulando em nichos e circuitos. Entretanto, no caso das narrativas apresentadas, se a permanência nesses locais familiares e de moradia está



atravessada por questões de sexualidade, a circulação pela cidade ganha outro colorido. Considerar o espaço urbano e os deslocamentos dentro dele como resultado de relações sociais permite compreender como as desigualdades afetam tais deslocamentos e como e em que medida as mídias digitais viabilizam que o espaço seja agenciado de outra maneira.

Ao longo da pesquisa acerca do uso das mídias por mulheres na Baixada Fluminense, Facioli (2015) mostra como muitos deslocamentos ocorrem em função de marcadores de classe social, mas também de sexualidade. Além disso, é possível verificar que as pessoas que mais se articulam pelas mídias digitais (nesse caso, as mulheres lésbicas) tendem a ter mais mobilidade ou a intencionalidade de ocuparem outras regiões da cidade do Rio de Janeiro, que não seu local de moradia. Luana foi uma das pessoas que apontou ter maior trânsito pelo Rio, estabelecendo círculos de amizade e de relações afetivas pela Barra da Tijuca, pelo Centro, Lapa e mesmo pela Zona Sul. A jovem começou a frequentar outros espaços, como a Zona Sul, depois de adulta.

P: Qual sua relação com a Zona Sul, Luana?

R: Na infância eu me lembro de ir poucas vezes à praia e só. Adolescência nenhuma. Minha mãe não me deixava sair e eu também não tinha amigos fora do lugar onde morava. Comecei a frequentar mais depois de adulta, fiz amigos e tal. Principalmente agora que namoro uma moça que mora no Vidigal, que é uma favela que fica na Zona Sul, mas comecei a ir mais em luau e tal.

O acesso a essa região da cidade se mostra inacessível até a vida adulta, com maior possibilidade de trânsito autônomo pelos diferentes espaços. O horizonte a respeito da Zona Sul inacessível aparecia como algo diferente do subúrbio onde se vive: “Sabia que era onde ficavam as praias. Eu gostava do ar que o lugar tinha. Bonito e diferente do lugar onde eu morava”. Ao ser questionada sobre essa característica de circulação das “bee” ou das “gay”⁷, pela cidade do Rio de Janeiro, Luana afirmou:

Quando comparo meus amigos gays com amigos heterossexuais, acho que os gays circulam mais. Eu tenho muitos amigos heterossexuais que saem bastante, mas costumam frequentar os mesmos lugares. Sinceramente acho que as bee[2] estão sempre procurando conhecer gente nova. (Em conversa com Luana via *Facebook*).

⁷ “As gay” e “as bee” são termos frequente usados por Luana e pelo chamado público LGBT. Eles não se referem somente à população gay de sexo masculino, mas à toda comunidade.



Conhecer gente nova, no discurso de Luana, ganha outro significado e escapa da necessidade de fazer amigos, unicamente. Quando pergunto se seus amigos são assumidos e se enfrentaram problemas familiares ao expor sua orientação sexual, ela aponta:

A maioria é meio que assumido. Tipo eu. Algumas pessoas sabem, outras desconfiam, mas não fazem questão de esconder. Mas tem os que são assumidíssimos e vivem super bem com isso. Algumas famílias têm aquele pensamento de que você pode ser gay, mas tem que se esconder e viver discretamente, então é quase sempre difícil assumir. Seja por não ser aceito ou por ser nesses termos de se esconder. (Em conversa com Luana via Facebook).

Dessa forma, o “conhecer gente nova” se relaciona intimamente com um ambiente hostil de convivência cotidiana e de moradia, na medida em que representa a necessidade de sair do local em que se vive e da proximidade familiar para vivenciar a sexualidade de maneira mais livre e poder estabelecer círculos de socialidade, de reconhecimento e de acolhimento (KURASHIGE, 2014; PADILHA, 2015). Nesse sentido, as mídias tornam-se espaços fundamentais de articulação de saídas, de flertes, de busca por parceiros e parceiras.

Luana articulou seu encontro no shopping por meio do *WhatsApp*. Também é pelo celular que ela escreve para os amigos e planeja o sábado no bairro da Lapa, no centro do Rio, na Barra da Tijuca ou na Zona Sul. O acesso à internet lhe garante informações sempre atualizadas dos espaços gays da cidade e também permite que ela coloque o nome na lista de convidados, o que diminui os custos financeiros da noite de diversão. E, tão importante quanto todos esses aspectos, é considerar que, por meio do celular, ela mantém contato com a namorada que não pode frequentar a casa onde mora a mãe e o irmão.

Muito embora Luana não seja adepta do uso de aplicativos, ela reconhece que a Internet facilita o contato com espaços de socialidade homossexuais e também com uma série de avaliações e comentários dos usuários sobre os locais que frequentam:

P: Você usa muito a Internet pra saber sobre espaços gays? Gosta de aplicativos de busca de parceiras?

R: Eu não sou muito adepta dos *app* de relacionamento. Gosto mais de conhecer as pessoas da maneira antiga, conversar e tals, eu não curto essa coisa de marcar pra ficar com alguém. Gosto de estar conversando e rolar [...] Mas, a internet ajuda muito a gente a obter informações, dá até pra ver opinião das pessoas a respeito dos lugares...uso pra ficar sabendo dos eventos gay. Aqui no Rio tem muito luau gay nas praias e eles usam a internet para divulgação por exemplo. (Em conversa com Luana via *Facebook*).



Para os homens gays, moradores do interior de São Paulo, a Internet surge como espaço de busca por parceiros afetivos, principalmente, em um contexto de agenciamento que é cercado por negociações sobre o segredo em torno de suas sexualidades. Como aponta Rogério:

Eu nunca fui de paquerar pela internet. Eu preferia fazer amizade por lá e ficar com os caras nas festas. Mas em São Carlos era um saco. Eu até pegava alguns carinhos que conhecia ou que acabava conhecendo pela cidade. Teve uma vez eu fiquei com um cara que conheci pelo chat e com esse foi bem legal. Foi uma das minhas primeiras experiências.

Ele conta que foi apresentado à Internet com a primeira leva de usuários, logo após a chegada da conexão discada no Brasil, em 1997. Ele se reconhece como parte da primeira geração de usuários que, desde o começo da adolescência, teve o computador como parte da paisagem doméstica.

Os aplicativos me prendem por trazer a possibilidade de você fazer exatamente isso: você fazer amizade, trepar e conversar com pessoas que você não conhece, mas que estão por perto e procurando a mesma coisa [...] Primeiro a gente precisa conhecer o aplicativo e se o cara está lá é porque é do meio. Se está lá ele ao menos está disposto a se expor. E o próprio fato de ser um celular requer que o cara tenha pelo menos um celular, então não é qualquer pessoa que está no aplicativo. Eu já fiquei com caras mais ricos e mais pobres que eu, mas não variava muito, é quase todo mundo do mesmo nível social.

Cleber, outro jovem da pesquisa, afirma que, do modo como vê, a Internet e o (re)conhecimento de sua homossexualidade acabaram se tornando indissociáveis. Além da rede permitir encontros, foi na própria dinâmica da web que ele acessou informações quando se descobriu soropositivo. Foi pela Web que ele pode tirar dúvidas, trocar experiência com outras pessoas portadoras do vírus e aprender a lidar com o HIV. Isso em um momento em que ele não queria se expor nem para amigos, nem para a família.

Em comum, nossas pesquisas mostram como as possibilidades de reconhecimento podem emergir a partir do acesso às mídias digitais, na medida em que elas viabilizam estar em um ambiente, por meio dos aplicativos, nos quais é desejável encontrar pessoas em busca de sexo, de construção de círculos de amizade e troca de experiências e informações e de relações afetivas fora do marco heterossexual. Ainda que persista a exigência em torno da discrição e o anonimato, sobretudo nos locais de moradia, de trabalho e familiares, consideramos que novos repertórios têm sido acionados por meio das mídias para qualificar a experiência homossexual.

Assim, um aspecto positivo consiste no fato de que, para alguns desses homens, a partir do uso das mídias digitais, a homossexualidade pode ser comunicada e vivida de maneira distinta das gerações



anteriores. A pesquisa de Padilha (2015) permite verificar que a busca pelo segredo e pela discrição são prerrogativas, em especial, para os homens com cerca de 30 anos de idade. Visto a contrapelo, é possível sugerir que, para os homens mais jovens, o desejo homossexual e a homossexualidade não são mais compreendidos sob os tropos da patologia e da insanidade. Em suma, para as gerações mais novas, as mídias digitais colocaram um vocabulário em circulação que permite um sentimento de “normalidade” para si mesmos que é diferente do que se passava com as gerações anteriores.

O segredo envolve estratégias que buscam alcançar o reconhecimento social em um contexto que não oferece condições culturais e políticas para as pessoas que se afirmam publicamente como homossexuais. Trata-se de um contexto sócio técnico no qual as mídias digitais e os serviços comerciais de busca de parceiros emergem como soluções provisórias para criar redes de contatos e circulação de pessoas ao abrigo do olhar público. No caso do interior paulista, as mídias digitais permitem recriar as dinâmicas que o sociólogo alemão Georg Simmel (2005) considerou como sendo tipicamente associadas à metrópole, a saber: o anonimato, a monetarização e a aceleração das relações. Tais elementos são reconstituídos e ganham outros significados no contexto de cidades de médio e pequeno porte.

O historiador John D’Emilio (1983) argumenta que, desde a Revolução Industrial, a migração, o capitalismo e a urbanização são elementos intrinsecamente relacionados com a produção de uma identidade homossexual. A migração de homens e mulheres inseridos em pequenas comunidades com um maior nível de vigilância e controle familiar, que vão para as grandes cidades, é parte de uma narrativa conhecida na história da revolução sexual. Dessa perspectiva, as cidades caracterizadas como sendo mais propensas ao desenvolvimento da individualidade, uma vez que oferecem maiores oportunidades de anonimato, mobilidade e espaços de lazer, acabam facilitando o contato sexual.

A esse respeito Marcelo Augusto de Almeida Teixeira (2015, p.27) comenta que:

A cidade, mesmo com o anonimato oferecido pelas massas urbanas, contraditoriamente pavimentaria o caminho para a formação identitária “*homossexual*” e “*lésbica*”, porque no urbano os corpos identificados (ou estigmatizados) com essas subjetividades se tornaram *legíveis*, para si e para os outros, reconhecendo-se, agrupando-se ou repelindo-se. Ou seja: a migração trouxe a oportunidade e/ou a necessidade de corpos se libertarem da vigilância do meio rural; o capitalismo forneceu os meios necessários para estes corpos se libertarem da dependência econômica familiar, dando-lhes certa *autoridade* sobre seus próprios corpos; a urbanização produziu espaços que por sua vez forneceram oportunidades de encontros sexuais e reconhecimento, além de proporcionar o anonimato que não só protegia como tornava legível a preferência sexual.



O desejo da metrópole, para o qual chamamos a atenção, constitui uma estratégia de sobrevivência balizada pela busca por anonimato – objetivação – (p. 579), pela monetarização na dinâmica das relações – intercambiabilidade – (p. 586) e pela aceleração do tempo (p. 580) de que Simmel falava, vista em oposição ao tédio e à monotonia, tipicamente atribuídos à vida no interior.

Ao desejarem a vida na cidade ou distantes do núcleo familiar e de moradia, nossas interlocutoras e nossos interlocutores revelam também o desejo por uma vida atomizada como garantia da preservação de sua individualidade e, principalmente, privacidade. Além disso, o desejo pela vida na metrópole e nas regiões centrais pressupõe a possibilidade de uma vida intensificada mediante a convivência com estranhos, pela exigência de autonomia e, sobretudo, pela promessa da liberdade individual como sinônimo de felicidade.

Para Cleber, as pressões sociais e o medo com relação à incompreensão de sua família resultaram na estratégia de cursar a graduação em outra cidade que, embora não fosse uma metrópole, lhe permitia o acesso ao anonimato. Para Rogério, ideais desse tipo se fizeram visíveis a partir do acesso à Internet via conexão discada disponível no final da década de 1990. Além do alto custo, o que talvez ajude a explicar sobre o pequeno número de usuárixs financeiramente mais abastados, o contato a partir da rede com pessoas que viviam em grandes capitais brasileiras lhe deu horizontes sobre as possibilidades decorrentes da vida em uma metrópole.

Para Joyce e Luana, muito embora não haja um trânsito delas para fora do Rio de Janeiro, a possibilidade de frequentar o Centro, a Zona Sul, para trabalho, estudos e situações de lazer lhes permite o afastamento dos olhares curiosos e próximos dos espaços da Baixada e da Zona Oeste, ocupados pelas relações familiares e de vizinhança.

Em todos esses casos, o distanciamento geográfico e as possibilidades de mobilidade empregaram a distância geográfica como condição de proximidade simbólica e de manutenção dos vínculos afetivos e familiares. Cleber teve que aprender a lidar com a manutenção de um duplo segredo que exigia, e que exige até os dias de hoje, uma postura com reservas diante dos parceiros com quem aspira desenvolver relações duradouras. Por assim dizer, ele precisa constantemente lidar com um duplo estigma que combina as imagens negativas da homossexualidade ao HIV.

A narrativa de Rogério nos permite pensar sobre como as identidades sexuais não necessariamente dependem de um exercício efetivo da sexualidade para que sejam habitadas. A partir de sua história, podemos pensar sobre a identidade como um efeito decorrente de um circuito de



interpelações e de reconhecimento alimentado por um conjunto de convenções (nesse caso, sobre o gênero) que organiza uma economia social e que posiciona os sujeitos em relação ao Outro.

Além do mais, o afastamento e as relações conturbadas com os homens da família – pais e irmãos – permanecem como um ponto em comum a todas as narrativas, do mesmo modo que a aproximação familiar resulta do esforço em torno de recompor as relações, da aceitação e do acolhimento por parte das mulheres – mães, irmãs, tias e avó.

Para Rogério, a Internet e o (re)conhecimento de sua homossexualidade acabaram se tornando indissociáveis. Além do mais, a experiência de viver em uma grande cidade “abriu horizontes” que o permitiram sair da cidade onde se criou, conhecer e “experenciaram” novos ambientes, reacendendo o seu interesse por rapazes.

Acompanhando a formulação de Adriana de Souza e Silva (2006, p.170), consideramos que olhar para as relações entre as mídias digitais e o espaço urbano nos permite compreender a produção dos chamados “espaços híbridos”. Dito de modo mais simples, essa tarefa implica em explorar também a tensão entre ambientes digitais e espaços físicos reconhecendo que não tratamos apenas de *smartphones* que conduzem os usuários pela dinâmica urbana, mas de conexões entre usuários e os lugares que habitam, já que o estabelecimento de contato depende também da posição relativa que ocupam no espaço, em um processo de retroalimentação entre contexto *off-line* e *online* em que se localizam os sujeitos.

Observar a sinergia entre as mídias digitais, a localidade e as pessoas pode ser uma mirada capaz de colaborar com a desmistificação de presunções individualistas sobre as tecnologias e sobre o comportamento comunicativo por meio da mídia social. Mais ainda, esse olhar joga luz sobre o modo como, na era digital, essas ferramentas tecnológicas deslocam a dinâmica espacial tradicionalmente associada à cultura sexual gay.

Referências

- BATTY, Michael. *The computable city online*, Planning 2, 1997. [Online] Disponível em: <http://www.casa.ucl.ac.uk/planning/articles21/city.htm>. Acesso em 04 set. 2017.
- BUTLER, Judith. *Dar cuenta de sí mismo - Violencia ética y responsabilidad*. Buenos Aires: Amorrortu, 2009.
- BURROWS, Roger; GANE, Nicholas. Geodemographics, software and class. *Sociology*, vol. 40, no. 5, p. 793–812, 2006.



- CASTELLS, Manuel. 'Grassrooting the space of flows'. In: O. J. Wheeler, Y. Aoyama & B. Warf, Routledge (orgs.) *Cities in the Telecommunication Age*, London, 2000.
- FACIOLI, Lara. *Mídias digitais e horizontes de aspiração: um estudo sobre a comunicação em rede entre mulheres das classes populares brasileiras*. 230 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8892>. Acesso em 04 set. 2017.
- FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra – etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre, Editora da Universidade, 2000.
- HARDEY, Michael. The city in the age of web 2.0 a new synergistic relationship between place and people, *Information. Communication & Society*, 10:6, 867-884, 2007. <http://dx.doi.org/10.1080/13691180701751072>
- ILLOUZ, Eva. *Consuming the romantic utopia: love and the cultural contradictions of capitalism*. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 1997.
- MARGOLIS, Michael; Resnick, David. *Politics as usual? The Cyberspace Revolution*, Sage, London, 2000.
- MISKOLCI, Richard. A gramática do armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In: PELÚCIO, Larissa et al. (orgs.). *Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia*. 1ª ed. Marília: Cultura Acadêmica, 2012. p. 35-55.
- SOJA, Edward. *Postmetropolis: critical studies of cities and regions*, Blackwell, Oxford, 2000.
- GREEN, Elieen; SINGLETON, Carrie. Gendering the Digital. In: K. Orton-Johnson & N. Prior (orgs.), *Digital Sociology* (p.34-50). Londres: Palgrave Macmillan, 2013.
- PADILHA, Felipe. *O segredo é a alma do negócio: mídias digitais móveis e a gestão do desejo homoerótico entre homens na região de São Carlos*. 120 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7178>. Acesso em 04 set. 2017.
- RIBEIRO, Luiz César de Queirós. Proximidade territorial e distância social: reflexões sobre o efeito do lugar a partir de um enclave urbano. *Revista VeraCidade – Ano 3 - Nº 3 – Maio de 2008*.
- SASSEN, Saskia. *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Studio Nobel, 1998.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cad. Pagu* [online]. 2007, n.28, pp.19-54. ISSN 1809-4449. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>.
- SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. Tradução de Leopoldo Waizbort. *Mana*, vol.1, no. 2, Rio de Janeiro, outubro, 2005.
- SOROKIN, Pitirim. Espaço social e posição social. In: CARDOSO, F. H. e IANNI, O. *Homem e sociedade*. Leituras básicas de sociologia geral. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1973.
- TEIXEIRA, Marcelo Augusto de Almeida. "Metronormatividades" nativas: migrações homossexuais e espaços urbanos no Brasil. *Áskesis*, v. 4, n. 1, janeiro/junho, p. 23-38, 2015. Disponível em: http://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/8/pdf_2. Acesso em 04 set. 2017.

